

OS ANIMAIS PRECISAM SOFRER? RAZÕES DA INDIFERENÇA HUMANA PARA COM O SOFRIMENTO ANIMAL

Guilherme Herrmann Arias (PIBIC/CNPq/FA/Uem), e-mail: guilherme_herrmann@outlook.com
Evely Vânia Libanori (Orientador), e-mail: lieveorama@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas, Filosofia, Ética.

Palavras-chave: Ética animalista, Direitos animais, Especismo.

Resumo

O presente trabalho faz parte de um campo de estudos que ganhou fôlego recentemente, o da ética animalista. O objetivo desta pesquisa foi o de identificar o porquê de os humanos permanecerem indiferentes diante do sofrimento infligido aos animais para fins humanos, como o uso dos animais em testes e a pecuária industrial. Foi possível verificar que outros autores já abordaram a questão e seus conceitos são elucidativos a respeito desta postura indiferente. Os conceitos e temas de discussão incluem o princípio de igual consideração de interesses semelhantes, os direitos animais, a *kakothymía* humana, a política sexual da carne, o especismo como patologia, e o processo da antropogênese.

Introdução

O marco da ética animalista na filosofia contemporânea foi a publicação de *Animal Liberation*, do filósofo australiano Peter Singer, em 1975. No Brasil, a obra foi publicada em 2004. Nesta obra, Singer, com base em sua perspectiva utilitarista da ética, argumentou que o princípio da igual consideração de interesses semelhantes deve ser estendido aos animais não humanos. Ele então identificou que estes animais têm, pelo menos, o interesse de não sofrer. Dessa maneira, o critério sustentado pelo filósofo para a consideração dos interesses dos outros não é aquele do pertencimento à espécie humana, mas a da capacidade de sofrer, ou seja, a sentiência. Singer ainda argumenta que a escolha de características da espécie humana, como a racionalidade, como critério moral é arbitrária tal como a escolha da cor da pele com a mesma função. Então, por analogia ao racismo, podemos denominar de especismo, termo cunhado por Richard Ryder em 1970 e adotado por Singer, o favorecimento dos interesses de uma espécie em detrimento dos interesses de outra espécie.

Por outro lado, na filosofia brasileira, o trabalho da filósofa Sônia Felipe consiste em uma crítica à moralidade especista. Felipe aborda duas modalidades do especismo, o elitista e o eletivo. O primeiro consiste na compreensão de que a única espécie digna de respeito é a humana, enquanto que o segundo inclui determinadas espécies, como os animais domésticos, em sua consideração moral e exclui as demais, como os animais usados em pecuária industrial. A filósofa também afirma a senciência como critério moral válido. Dessa maneira, pode-se compreender o porquê de as plantas não serem consideradas no âmbito moral, porque, apesar de serem sensíveis e estarem vivas, elas não são sencientes.

Diferente de Singer, no entanto, Felipe trabalha com a noção de direitos dos animais, e não de interesses. Dessa maneira, enquanto que a proposta utilitarista de Singer permite a prática da experimentação em certas ocasiões, a proposta abolicionista de Felipe se opõe a qualquer uso dos animais para fins humanos. Segundo a filósofa, a ética abolicionista consiste no respeito pelos animais, ou seja, trata-se de se abster das práticas que privam os animais de sua liberdade e seu bem próprio. Este entendimento do respeito, portanto, não inclui o sentimento de amor aos animais. Felipe, inclusive, aponta que o discurso do amor contém a ideia da superioridade humana com relação aos animais. Este discurso também está presente naquele do especismo eletivo, que tem amor aos animais domésticos. A filósofa ainda justifica a importância do tema trabalhado, da ética animal, argumentando que uma defesa genuína dos direitos humanos depende de um resgate da nossa história de violência contra os animais. Ela afirma que quando a violência contra os animais de outras espécies não mais acontecer, nenhum humano vai se sentir autorizado a ter tais ações violentas contra outros humanos também.

Outros autores também abordaram a ética animal. Tom Regan e Gary Francione, que se autodenominaram abolicionistas, abordaram esse tema fundamentando-se na deontologia kantiana. Desse modo, suas propostas éticas atribuem maior importância ao dever e aos direitos, em oposição à proposta utilitarista de Singer que valoriza o resultado ou as consequências das ações.

Materiais e métodos

Os materiais utilizados no desenvolvimento da pesquisa consistem nas fontes de papel, ou seja, nas referências apresentadas no relatório final da pesquisa. O método usado, portanto, foi o bibliográfico.

Resultados e Discussão

Com base na literatura consultada, foi possível identificar várias propostas a respeito das razões da indiferença humana para com o sofrimento animal. Dentre elas estão: 1) a *kakothymía*, termo usado por Felipe (2014), em sua obra *Acertos Abolicionistas*, para designar uma deficiência moral; 2) *A Política Sexual da Carne*, título de uma obra de

Adams (2012) que aborda as interseções da opressão das mulheres e dos animais e, portanto, discute os determinantes culturais de nossa relação com os outros animais; 3) o especismo como patologia, noção apresentada por Weisberg (2011) no capítulo de livro *Animal Repression*, em que discute a moralidade especista a partir de um ponto de vista psicológico fundamentando-se na psicanálise e no marxismo e 4) a antropogênese, termo usado por Bimbenet (2014), na obra *O animal que eu não sou mais*, para designar o processo de desanimalização da espécie humana com base no método fenomenológico, este autor aborda os motivos de considerarmos os outros humanos como mais dignos de respeito do que os outros animais não humanos.

Algumas das autoras consultadas (FELIPE, 2014; ADAMS, 2012; WEISBERG, 2011) corroboram quanto à noção de que a promoção do respeito aos animais contribui para o aprimoramento da moralidade humana. No sentido de que as relações entre os humanos são afetadas positivamente pelo melhor relacionamento deles com os outros animais. Adams (2012) discute principalmente sobre a relação da opressão dos animais com a opressão das mulheres, mas também aponta os aspectos raciais do consumo de carne. Weisberg (2011), por outro lado, aborda a relação entre a opressão dos animais e a condição de saúde mental humana, propondo que o especismo é fundamentado por uma condição patológica.

Outro autor consultado foi Bimbenet (2014), que faz uma discussão filosófica a respeito do que nos faz humanos diante de nossa origem animal. A importância desta discussão reside em como ela explicita a contingência de nossa humanidade, ou seja, a espécie humana poderia ter percorrido rumos diferentes em sua evolução biológica. Dessa maneira, o uso de características humanas, como a linguagem ou a capacidade cognitiva, como critérios morais perdem a sua validade.

Conclusões

Pode-se identificar que diversos autores discutiram a questão do especismo e dos direitos animais. A posição predominante no campo da ética animalista é a de que os animais não humanos devem ser respeitados e que os usos dos animais para quaisquer fins humanos devem ser abolidos. A posição tradicional especista foi extensamente criticada nas obras consultadas nesta pesquisa.

Dessa maneira, a pergunta título desta pesquisa “os animais precisam sofrer?” ganha uma resposta categoricamente negativa com base na literatura consultada, de caráter abolicionista. A segunda parte do título, referente às razões da indiferença humana para com o sofrimento animal, pôde ser discutida nesta pesquisa com base nas perspectivas de diferentes áreas do conhecimento (filosofia, ciências sociais e psicologia) a respeito de nossa relação com os animais. De todo modo, pode-se afirmar que o tema abordado é amplo, e os motivos de os humanos terem uma postura indiferente não foram esgotados neste trabalho.

Agradecimentos

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela concessão de bolsa na modalidade iniciação científica no programa PIBIC.

Referências

ADAMS, C. **A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina.** São Paulo: Alaúde editorial, 2012.

BIMBENET, É. **O animal que não sou mais.** Curitiba: Editora UFPR, 2014.

FELIPE, S. **Acertos abolicionistas: a vez dos animais: crítica à moralidade especista.** São José: Ecoânima, 2014.

GONÇALVES, S. **Utilitarismo, deontologia kantiana e animais: análise e avaliações críticas.** Uberlândia, 2015.

SINGER, P. **Libertação animal.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WEISBERG, Z. Animal repression: speciesism as pathology. In: SANBONMATSU, J. **Critical theory and animal liberation.** Lanham: Rowan and Littlefield, 2011